

PRÁTICAS DA
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

Nº 13 - 2021



**Paródia, Intermedialidade e
Decolonização. Dois Capítulos de
*Anticorpo. Uma Paródia do
Império Risível (2019)***

Patrícia Lino

Práticas da História, n.º 13 (2021): 215-219

www.praticasdahistoria.pt

**Paródia, Intermedialidade e
Decolonização. Dois Capítulos de
*Anticorpo. Uma Paródia do
Império Risível (2019)***

Patrícia Lino*

DECOLONIZAR
DECOLONIZAR
DECOLONIZAR

VIRAR DO AVESSE O PAÍS
CORTAR O MAL PELA RAIZ

ATÉ À LIBERDADE

ANTICORPO. 37:39 min..

O videopoema *Anticorpo. Uma Paródia do Império Risível* (45 min.) estreou nos Estados Unidos em outubro de 2019. Foi, depois, exibido

* Patrícia Lino (patricialino@g.ucla.edu). Department of Spanish and Portuguese, UCLA College, 5310 Rolfe Hall, Box 951532 | Los Angeles, CA 90095-1532, EUA. Este ensaio foi escrito em resposta a um convite à autora pela editora do número especial: “As Polêmicas da História: Debates Historiográficos e Espaço Público” da revista *Práticas da História*. O ensaio complementa dois vídeos/capítulos da obra *Anticorpo. Uma Paródia do Império Risível* (2019) também publicados pela revista no âmbito do mesmo número especial.

em vários lugares de Lisboa e do Porto durante dezembro do mesmo ano. Dividido em dez capítulos (“Introdução”, “O império ou o elogio da pobreza”, “A tara portuguesa”, “O colonizado sustenta o patriarcado”, “Fruta, ou a morte do império português”, “Versão renovada de um *hit* nacional”, “Não falo, mas grito por dentro”, “Adeus Macau”, “Museu das Descobertas”, “Virar do avesso o país”), *Anticorpo* apropria visual e musicalmente centenas de vídeos publicados e divulgados, sobretudo, pela extrema-direita portuguesa no Youtube.

Cada um dos dez capítulos cobre uma manifestação específica do colonialismo antigo e moderno português e reúne, ao apropriar o caráter reiterativo do discurso nacionalista e colonial, textos pouco sofisticados e repetitivos que se mesclam, ironicamente, com a dimensão robótica e, ao mesmo tempo, instintiva da música (“O império só é império/ quando o português agradece/ por ser pobre// E o pobre segue pobre/ e o nobre segue nobre”, cap. 2).

Anticorpo aposta no cruzamento da absurdez ou violência das imagens, que vão da reprodução elogiosa das caravelas, da manifestação das mulheres a António de Oliveira Salazar em 1959, de Cavaco Silva hasteando a bandeira nacional do avesso em 2012, dos rostos dos combatentes da Guerra Ultramarina, de detalhes do Portugal dos Pequenos, da cerimónia de independência de Macau em 1999, em que os portugueses choram a separação dos dois países, até a um Museu como o dos Descobrimentos em Lagos ou cenas de um *videoclip* como “Conquistador” (1989) da banda Da Vinci, com a ironia crítica dos textos e do som. O exercício paródico, que parte do desequilíbrio desse encontro de matérias ou desencontro harmónico de valores, busca a gargalhada difícil e, no mínimo, desagradável. Procura também, no contexto generalizado e desconfortável dessa gargalhada, certas variações do riso. Se as audiências de *Anticorpo* riram abertamente durante um capítulo como “Versão renovada de um *hit* nacional”, em que, ao simular um *karaoke*, alterei a letra original de “Conquistador”,

“IMPOSTOR”

Não era um mundo novo
 O sonho de alguns poetas
 Ir até ao fim
 Cantar falsas vitórias
 E erguer orgulhosas bandeiras
 Viver aventurar guerreiras
 Foram mil massacres
 Vidas e saques
 Foram oceanos de horror

Já fui ao Brasil
 Praia e Bissau
 Angola Moçambique
 Goa e Macau

Ai, fui até Timor
 Já fui um impostor
 (Violador
 Assassino
 Saqueador)

para chegar à coerência do abismo entre o que a(o) leitor(a) ouve e vê em simultâneo, até ao ponto de termos como “amor” e “horror” se confundirem foneticamente, as audiências não riram quando n^o “A tara portuguesa”, terceira secção do videopoema, o capítulo terminou ao som de uma arma disparada por uma criança num dos treinos físicos da Mocidade Portuguesa.

A variação contínua do riso, que existe entre o disparate e a atualidade da crença e a violência dos factos, tira, além disso, partido da naturalidade com que o discurso colonial se infiltrou nas nossas culturas, com especial incidência nas culturas dos países que colonizaram, porque o que a paródia faz é resgatar os símbolos que fabricam a *verdade*, branca, masculina, heteronormativa, e invertê-los, neste caso, valendo-se das propriedades do poema intermedial cuja hibridez se aproxima, como já fiz notar¹, da sua própria mecânica.

Apesar de a paródia ou, de modo geral, o humor, bem como o *fazer* intermedial do poema, serem, até hoje, considerados menos *literários* aos olhos do poder por não corresponderem, em primeiro lugar, à seriedade cerimoniosa do *logocentrismo ocidental*² e, logo depois, à genialidade individual do homem branco que, bem-nascido e inspirado, cria objetos sem precedentes, a paródia e a intermedialidade não só resistem, como prática, à palavra final *dos que sabem*, mas também constituem, como a repetição obstinada da mesma prática, uma tradição tão antiga quanto aquela que as excluiu.

O processo de decolonização deve basear-se no estudo e na compreensão dos mecanismos do poder (em que se fundamentam, como se estruturam, operam e se entranham) e, ao mesmo tempo, *apropriar* a efetividade desta engrenagem tirânica com o propósito de, num primeiro momento, expor as suas disfunções e, mais tarde, destruir a brutalidade com que tais mecanismos sufocam ainda as vidas das pessoas racializadas e LGBTQIA+ e das mulheres. A apropriação ou o furto estratégico da linguagem colonial ou da linguagem validada por instrumentos e sistemas fundados segundo a lógica colonial, questão, não por acaso, cada vez mais discutida no contexto dos estudos literários e artísticos da academia americana (norte e sul), terá de coincidir, politicamente, tanto com a legitimação dos géneros literários menosprezados

1 Cf. “Contra a anestesia, a gargalhada corrosiva: o processo de escrita d’*O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*”, *Texto Poético*, v. 17, n. 32 (Góias: Universidade Federal de Góias, 2021).

2 Cf. Haroldo de Campos, “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, in *Metalinguagem & Outras Metas* (São Paulo: Perspectiva, 2013 [1980]), 255.

pela crítica quanto com o desenvolvimento da performance poética intermedial, em que a poeta se desdobra nas qualidades do corpo que, além de *fazer* o poema escrito, contraria igualmente a exclusividade alfabética para *fazer* o poema expandido.

CAPÍTULO 4 — O COLONIZADO SUSTENTA O PATRIARCADO



CAPÍTULO 6 — VERSÃO RENOVADA DE UM HIT NACIONAL



Referência para citação:

Lino, Patrícia. "Paródia, Intermedialidade e Decolonização. Dois Capítulos de *Anticorpo. Uma Paródia do Império Rível* (2019)." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 13 (2021): 215-219.